

A COMUNIDADE VAI À ESCOLA DA EJA: FAZER O QUÊ?

The Community Goes To The School Of Young People And Adults Education: What For?

Rodrigo Guedes de Araújo
Mestrando/MPEJA/UNEB
pedagogodaterra@gmail.com

Antonio Amorim
Doutor/ UNEB
antonioamorim52@gmail.com

Tânia Regina Dantas
Doutora/UNEB
taniaregin@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo analisamos as principais motivações que fizeram com que os jovens e os adultos retornassem aos bancos escolares da Educação de Jovens e Adultos (EJA), identificando quais os motivos que fizeram com que eles desistissem da escola, quando mais novos. A pesquisa foi realizada numa escola de Ensino Fundamental do município de Serra do Ramalho, na Bahia. Com uma abordagem qualitativa de investigação, adotamos a observação participante e a entrevista semiestruturada como técnicas de coleta de informações. Os referenciais teóricos para trabalhar as categorias Educação de Jovens e Adultos, educação do campo e escola da EJA foram: Araújo (2012), Brandão (1984), Haddad e Di Pierro (2000), Minayo (2004) e Ramos (2013). Os resultados obtidos foram os seguintes: a desistência escolar apresentada tem relação direta com os modos de vida desses sujeitos e o retorno aos bancos escolares está ligado às exigências do mercado de trabalho e da ascensão social.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação do Campo; Escola da EJA.

ABSTRACT

In this article we analyze the main reasons that made young people and adults return to the school of Young People and Adults Education (YPAE), and also identifies the reasons that made them quit school when they were younger. The research was conducted in an elementary school in the city of Serra do Ramalho, in the State of Bahia. For this qualitative study, data was generated through participant observation and semi-structured interviews. Some theoretical references were used to work with the categories of YPAE, YPAE schools and rural education. They are: Araújo (2012), Brandão (1984), Haddad (2000), Minayo (2004) and Ramos (2013). Results show that school withdrawal is directly related to the lifestyles of the subjects and that their returning to school is linked to the demands of the labour market social upliftment.

Keywords: Young People and Adults Education. Rural Education. YPAE school.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal analisar as principais motivações que fizeram com que jovens e adultos retornassem aos bancos escolares, especificamente, na

modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse entendimento, partimos do seguinte questionamento: quais são as consequências provocadas pela falta e/ou ausência da escolaridade na vida de jovens e adultos das camadas populares? Sob esta ótica, trata-se de analisar brevemente o contexto histórico desta modalidade de ensino, que surge, tendo como um dos objetivos principais, a oferta da educação para aquelas pessoas que, por motivos diversos, não usufruíram desta importante formação cidadã, que é a garantia do direito à educação.

Nessa linha argumentativa, constata-se, através da literatura analisada, como um dos objetivos, o fortalecimento das políticas de educação destinadas aos jovens e adultos, aqui, entendidas na perspectiva da educação do campo. Assim, retira-se o atraso secular vivido por grandes segmentos da população que vive no campo, visto que o modelo de desenvolvimento pensado para a sociedade moderna foi o urbano-industrial, que deixou a classe trabalhadora rural alijada do direito à educação.

LÓCUS E CAMINHO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

A Escola Municipal Bartolomeu Guedes, aqui identificada como o lócus da pesquisa, está localizada na comunidade de Barra da Ipueira, conhecida, também, como Fechadinha, sendo ela uma das 11 (onze) comunidades que integram o Projeto de Assentamento Agroextrativista São Francisco, que está situado no município de Serra do Ramalho, no Oeste da Bahia. Trata-se de um assentamento onde vivem, atualmente, mais de cem famílias, regularmente cadastradas no Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), sendo dividido em três vilas: Barra da Ipueira, Fechadinha e Povoado Baraúna.

Atualmente, a comunidade pesquisada conta com uma infraestrutura de prédios e serviços públicos como: posto de saúde, quadra poliesportiva, Centro de Formação dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Marilene Matos (*in memorian*), Igrejas Católica, Evangélica e Candomblé, casa de farinha, dois sistemas de água que funcionam precariamente e duas escolas: a Escola João Reinaldo de Souza, localizada dentro do mesmo assentamento, mas desativada há alguns anos, e a Escola Municipal Bartolomeu Guedes, que fica localizada na Fechadinha. A criação da instituição escolar deu-se a

partir do decreto – Lei Municipal 077/97 de 30/06/1997, Conselho Municipal de Educação – CNE 0032/2005 – e autorizada em 27/07/2005. Como fato politicamente adequado, a atual diretora foi eleita pela comunidade escolar, ficando com o direito de obter um segundo mandato.

As instalações físicas da escola contam com um prédio constituído por quatro salas de aula, cozinha, sala de professores, secretaria, almoxarifado e três banheiros, mobiliário e equipamentos. O mobiliário encontra-se em boas condições de uso devido ao trabalho feito com alunos para conservação deste patrimônio. No atual quadro de funcionários, a escola conta com 21 funcionários divididos em: 06 professores do 6º a 9º ano, 07 professores da Educação Infantil ao 5º ano, 03 professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 09 servidores da Carreira de Assistência à Educação (vigia, agente de conservação e limpeza, merendeiras), Diretor, secretários e Coordenador Pedagógico. A escola ainda conta com o PDDE/FNDE – Programa Dinheiro Direto na Escola e o Conselho Escolar: órgão consultivo e deliberativo composto de representantes dos diversos segmentos escolares (pais/responsáveis, alunos, professores, auxiliares e diretor) que efetuam o gerenciamento escolar.

Diante dessa caracterização inicial da escola, partimos para a concretização da pesquisa, destacando que a metodologia é um importante elemento a ser considerado durante o transcorrer da investigação, pois ela é capaz de oferecer uma visão geral do caminho a ser percorrido durante todo o processo de pesquisa.

Para melhor compreender essa dinâmica de retorno dos jovens e adultos à escola, realizamos uma pesquisa com abordagem essencialmente qualitativa, utilizando-se a estratégia da observação participante e da entrevista semiestruturada. As técnicas utilizadas partiram do entendimento de que elas muito podem contribuir na compreensão e na concretude do objeto de pesquisa que, na maioria dos casos, se configura de forma complexa (BRANDÃO, 1984).

Para Minayo (2004), a pesquisa qualitativa responde às questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que responde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desse modo, um dos dispositivos metodológicos aplicado nessa pesquisa foi a observação participante. A escolha dessa abordagem de pesquisa não se deu de forma aleatória, mas por entender que educação é feita por pessoas nos espaços formais de ensino, nos espaços não formais e nos movimentos sociais. Desse modo, os aspectos teóricos e metodológicos têm íntimos laços com o lócus e com os sujeitos da pesquisa. Ainda, elegemos a observação participante por entender que ela se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos uma aproximação não somente com aquilo que desejamos conhecer, pesquisar e estudar, mas como uma possibilidade de criar conhecimento.

Nesse contexto, Brandão (1984) ressalta que a pesquisa participante apresenta um enfoque de observação do meio social no qual se procura uma plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com o objetivo de promover a participação social para a melhoria da realidade dos seus participantes. Sendo assim, compreendemos que a escolha de procedimentos e instrumentos para coleta de informações de determinada pesquisa é tão complexa quanto a sua execução, tendo em vista que ela exige cuidados específicos durante o processo de realização da pesquisa.

Por isso, usamos a entrevista semiestruturada, porque, segundo Bogdan e Biklen (1994), ela pode fornecer os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os sujeitos sociais e a situação vivida. Nesse entendimento, os instrumentos adotados, como a coleta das informações, foram utilizados por acreditar que ajudaram na tessitura e nas reflexões sobre o objeto em estudo, de modo a elucidar os aspectos das descobertas.

CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A educação foi garantida a todos os cidadãos como elemento necessário para o desenvolvimento humano, bem como para a democratização do conhecimento socialmente construído. Porém, esta premissa não se aplicou, em sua totalidade, aos homens e às mulheres da zona rural, a partir da falácia de que estas pessoas não precisavam de educação para viver no campo. Neste sentido, é necessário problematizar a temática da Educação de Jovens e Adultos do campo para que possamos compreender a sua história e as suas interfaces.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica instituída através da Constituição Federal, Artigo 205, que afirma: “[...] o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive sua oferta gratuita para aqueles que não tiveram acesso e permanência na idade própria” (BRASIL, 1989, p. 99). Isso também está determinado na Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) 9394/1996, Artigo 37, parágrafos I e II.

Desse modo, essa modalidade de ensino deve ser compreendida na perspectiva da educação do campo como sendo, também, uma etapa importante da educação básica. Assim, identificamos na história que essa modalidade de ensino passou por uma série de (in)compreensões quanto aos seus conceitos teórico-metodológicos. A partir deste prisma, compreendemos a EJA como a construção de uma política pública que ocorre mediante uma disputa ideológica, política e econômica, na qual estão envolvidos diversos grupos sociais que, através da correlação de forças, passaram a definir quais são os seus reais objetivos.

Sobre um olhar histórico, podemos afirmar que essa modalidade de ensino tem forte e íntima ligação com os acontecimentos sociais, políticos e econômicos do país e, por isso, ela passou por uma série de dificuldades ideológicas e de concepções quanto ao seu verdadeiro papel, frente às demandas educacionais daqueles que, por vários motivos históricos, não tiveram acesso e permanência nos processos formativos escolares propriamente ditos. É por isso que Soares, Giovanetti e Gomes (2007, p. 07) afirmam que “[...] a educação de jovens e adultos (EJA) é um campo carregado de complexidade que carece de definições e posicionamento claros. É um campo político, denso e carrega consigo o rico legado da educação popular”.

Nesse contexto, podemos afirmar que a oferta dessa modalidade de ensino, por muito tempo, foi negada aos sujeitos homens, mulheres, jovens e adultos, do campo e da cidade. Entendemos que isso ocorreu devido à ordem econômica e social vigentes. Com isso, por diferentes razões ideológicas, esses sujeitos não tiveram acesso à educação escolar, seja na infância, na adolescência ou na juventude (ARAÚJO, 2012). Nesse sentido, Freire (2005, p. 09) afirma que “[...] a sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe profundas injustiças à grande parte do terço para o qual

funciona é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista sob o ângulo da luta política”.

Assim, de acordo com a fala de Araújo (2012), compreendemos que a EJA, num contexto das lutas sociais do campo, surge como sendo respostas ao silenciamento do governo frente às demandas educacionais para essa população, bem como uma necessidade de prosseguimento de suas lutas sociais.

Destarte, ao analisarmos a trajetória dessa modalidade de ensino no Brasil, desde o princípio, ou seja, desde a invasão dos Portugueses, é possível perceber os equívocos no que tange à necessidade de oprimir a maioria da população, ao oferecer uma educação de cunho propriamente religioso que não fortalecesse a cidadania. Para Haddad e Di Pierro (2000, p. 109): “[...] além de difundir o evangelho, tais educadores transmitiam normas de comportamento e ensinavam os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros”.

Esses equívocos e (in) compreensões, no que tange às políticas de EJA, trouxeram sérios problemas quanto à oferta desta modalidade de ensino. Dentre eles, está a falta de uma melhor compreensão dos sujeitos que participavam do processo educativo, com sua rica diversidade e condição de homem, mulher, jovem e adulto, trabalhador do campo e da cidade, com características diversas, mas que nem sempre foram levadas em conta na conformação de novas políticas de Educação de Jovens e Adultos.

Nesse entendimento, buscamos na próxima seção identificar quem são esses jovens e adultos que voltam aos bancos escolares e quais as principais motivações para este retorno ou reinserção no espaço escolar.

A REINSERÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: PARA FAZER O QUÊ?

Quando falamos em EJA, logo pensamos em pessoas de idade que, depois de algum tempo, retornam à escola em busca do que lhes foi retirado, ainda, na infância: o direito de estudar. Jovens e adultos que por uma série de motivos precisaram abandonar a escola, no ensino regular, e que, em sua maioria, são pessoas de baixa renda, nascidas em famílias numerosas, cuja subsistência necessitou de mão de obra, não qualificada,

desde cedo; pessoas estas que vivem em favelas, bairros, áreas rurais e nas periferias das grandes cidades.

O perfil e a trajetória do educando e da educanda da EJA é aquele jovem e/ou adulto que não teve oportunidade no processo de alfabetização e de escolarização, que busca uma nova chance de recomeçar e/ou concluir seus estudos, mas que, na sua maioria, fica dividido entre o desejo de retornar à escola e a necessidade de trabalhar. Ao voltar à instituição escolar, têm de enfrentar as aulas, geralmente, no horário noturno, encarando novamente muitas dificuldades para permanecer estudando, uma vez que, na sua totalidade são homens e mulheres que têm uma longa jornada de trabalho todos os dias.

Pensar no sujeito dessa modalidade de ensino é, sobretudo, refletir sobre a enorme diversidade existente, uma vez que, em sua maioria, são jovens das camadas populares inseridos no mercado de trabalho. É edificante destacar que, apesar dessas pessoas terem todos os motivos que dificultam o retorno à escola, elas retornam, mesmo sabendo dos limites e das dificuldades que lhes são colocados para construir uma trajetória educacional bem-sucedida. Percebe-se, então, que esse esforço é para alcançar o objetivo traçado por eles, que, de acordo com os dados obtidos através da aplicação do questionário, é a aquisição da leitura e da escrita. Os sujeitos dessa modalidade de ensino consideram o domínio da leitura e da escrita como fundamentais para uma boa vivência social.

Pesquisas realizadas por Siqueira (2009) e Santos (2003) afirmam que existe um movimento de retorno ou reinserção de jovens e adultos aos bancos da escola. Para essas autoras, existe uma variedade de razões e de motivos que estão fazendo com que homens e mulheres do campo e da cidade retornem à escola. Dentre os principais motivos destacados por essas autoras, estão o desejo desses jovens de entrar no mercado de trabalho e a sua ascensão na vida profissional.

Desse modo, esse retorno aos bancos da escola representa a chance que, mais uma vez, esse jovem/adulto está dando ao sistema educacional, a de considerar a sua existência social, cumprindo o direito de todo cidadão de ter acesso à escolaridade. A esse respeito, Miranda (2010, p. 09) afirma com muita propriedade que “valorizar e respeitar as diferenças na Educação de Jovens e Adultos é essencial para que os

educandos reconstruam a sua trajetória de escolarização, ressignificando as marcas e percalços de uma escola que uniformiza a todos”.

Nesse cenário, percebemos que o público da EJA é formado por pessoas que não tiveram a oportunidade, quando menores de idade, de frequentar uma instituição de ensino. E isso pode ter ocorrido por diversos motivos, entre os quais estão o fato de terem de ajudar na renda familiar e de desempenhar determinadas tarefas domésticas rurais ou urbanas.

No caso específico da Educação de Jovens e Adultos, compreendida na perspectiva do campo, entendemos que sempre existiu uma relação de negação do direito, visto que a educação historicamente foi concebida como elemento necessário para o desenvolvimento do ser humano e como garantia de seu processo de civilidade. Porém, essa premissa não se aplicou aos homens e às mulheres do campo, sob a falácia de que estas pessoas não precisavam de educação para viver e permanecer no campo. Esse descaso com a população do meio rural não está simplesmente ligado às políticas educacionais, mas em todas as dimensões das políticas econômicas, sociais e ambientais.

Nesse sentido, no processo educacional, até o final do século XIX, não havia uma proposta de educação específica para o homem camponês, pois a sua escolarização tinha como referência o que já vinha pronto da cidade, incluindo aí a educação de adultos. Para Coutinho (2009, p. 46),

as políticas de educação do Estado brasileiro para o campo, predominantemente, usaram como parâmetros os modelos dos centros urbanos para promover a educação, em que pese à evidência de que campo e cidade fazem parte de uma mesma realidade.

Por isso, a Educação de Jovens e Adultos, como uma modalidade educacional, deve ser aqui entendida como práticas educativas escolares e não escolares desenvolvidas com e para os trabalhadores e trabalhadoras do campo. A partir de práticas educativas que valorizam o papel da escola na sociedade atual (AMORIM, 2007), estes jovens e adultos precisam resgatar a sua cidadania, já que, historicamente, foram aliados do processo educacional construído social, histórico e culturalmente. E diante deste contexto de negação do direito à educação, Rodrigues (2010, p. 250) defende o seguinte: “[...] educação de jovens e adultos no contexto das lutas sociais do

campo surge como necessidade de seguimento das lutas nas suas diversas dimensões e desenvolvidas por suas organizações sociais”.

Nesse sentido, os defensores da EJA afirmam que a negação do direito à educação aos povos do campo, sendo esta situação uma demanda real de oportunidade de acesso educacional, constituiu-se como sendo um dos principais instrumentos mobilizadores dos movimentos sociais do campo pelo direito à educação. Dessa maneira, a EJA no campo tem se constituído enquanto resposta entre as principais demandas por escolarização dos trabalhadores e trabalhadoras, organizados em seus respectivos movimentos sociais, como é o caso da comunidade de Barra da Ipueira.

RESULTADOS: ENCONTROS E DESENCONTROS NO RETORNO DOS ALUNOS À ESCOLA DA EJA

Retomando o objetivo inicial deste artigo – que é analisar as principais motivações que fizeram com que jovens e adultos retornassem aos bancos escolares no contexto da EJA –, esta seção abordará os principais elementos motivadores percebidos durante a realização da pesquisa.

De modo que pudéssemos levantar as informações necessárias para fins de análise deste trabalho, foi realizada a observação participante durante os primeiros dez dias do mês de abril de 2016, na turma do Ensino Fundamental II, no período noturno, da Escola Municipal Bartolomeu Guedes. A turma pesquisada conta com 15 educandos regularmente matriculados, sendo 4 mulheres e 11 homens. Segundo as informações repassadas pela professora da turma, somente 8 alunos estão frequentando as aulas, pois os demais desistiram, incluindo aqueles que nunca foram desde o início das aulas.

Com a utilização da técnica da entrevista semiestruturada, levantamos os principais motivos que fizeram esses educandos “desistirem” da escola. Assim, fizemos as seguintes perguntas:

1. Na condição de jovem ou adulto, quais foram os motivos que levaram você a “desistir” da escola?
2. Por que você voltou a estudar, especialmente na Educação de Jovens e Adultos?
3. O que você quer aprender?
4. Onde você pretende aplicar os conhecimentos aprendidos na escola?

Nesse sentido, foram realizadas sete entrevistas junto a quatro homens e três mulheres, na faixa etária de 16 a 59 anos de idade, sendo que cinco são casados e os demais ou são solteiros ou são amasiados. É importante destacar que a maioria tem família constituída.

De modo geral, dentre as principais características identificadas nos sujeitos pesquisados, estão o fato de que a maioria é constituída de homens e mulheres, jovens e adultos, trabalhadores camponeses, que têm como principal atividade de produção a agricultura familiar e mantêm, portanto, forte relação com o meio natural no qual estão inseridos.

Assim, podemos constatar que essas famílias têm uma história camponesa que está associada ao espaço natural e a um modo de vida que se encontram referenciados através das formas de relações sociais, de produção e de apego aos valores que são característicos de um campesinato tradicional: o conhecimento sobre os ciclos naturais, a reprodução, o manejo dos recursos naturais, a conservação das espécies, dentre outros.

Nesse sentido, Sodré (2006) afirma que a relação do homem com a natureza, no assentamento Agroextrativista São Francisco, é o resultado de uma história construída ao longo das gerações, o que inclui, também, as relações sociais estabelecidas. Assim, a relação do homem com a natureza é mediada pelo aspecto cultural, pelas experiências ao longo das gerações destas populações tradicionais, ribeirinhas, e, também, pela imposição dos valores políticos e sociais dos “de fora”.

A forma de cultivo e de produção das famílias desta comunidade segue os costumes tradicionais, com plantio de milho, feijão, mandioca, melancia, abóbora e hortaliças, no período de inverno – durante os meses de novembro a janeiro –, sendo que, ao longo do tempo, o modo de viver e de trabalhar dos povos do campo vem sofrendo constante alteração, seja pela forte influência das tecnologias, seja pelas mudanças climáticas ocorridas nos últimos anos, na região.

Em seguida, com o desenrolar da investigação, pudemos identificar quais são os motivos que fizeram com que estes jovens e adultos retornassem à escola. Os principais motivos revelados podem ser vistos no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - As principais motivações de retorno à escola

Motivos de retorno à escola	Quantitativo (%)
Ter um bom emprego	30
Falta de oportunidade	20
Aprender mais para saber ler e escrever	20
Dar exemplo aos filhos	20
Conhecer novas coisas	10
Total	100

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa de campo.

As informações revelam que as motivações apresentadas têm íntima ligação com o mundo do trabalho e com a falta de políticas educacionais para os sujeitos da EJA.

Segundo Ramos (2013), existe uma recíproca relação entre o estudante e o trabalho enquanto atividade que garante a existência humana. Desse modo, identificamos também que muitos desses educandos consideram a necessidade de estudar para ter um bom emprego. Para Frigotto (2010 apud RAMOS, 2013), a perspectiva de acesso ao mercado do trabalho tem a ver com uma visão de trabalho construída historicamente, que reduz os indivíduos à condição de mercadoria, em que o trabalho é encarado apenas como ocupação, emprego ou tarefa dentro do mercado. Tudo ocorre no sentido de garantir a subsistência pessoal e da família.

Quando questionados sobre os principais motivos da desistência escolar, os jovens e adultos responderam com muita segurança que o principal motivo de desistência escolar foi a necessidade de trabalhar. Isso foi afirmado por 40% dos entrevistados, demonstrando o quanto é importante trabalhar para manter a família. Em seguida, 30% dos entrevistados apontaram o surgimento de outra oportunidade como sendo o motivo de desistir de estudar: oportunidade para realizar um trabalho fora, de fazer uma viagem, de encontrar novas possibilidades de ação para garantir a sobrevivência da família. Apenas 20% destacaram que a desistência tinha sido por motivo de nascimento de filhos e 10% apontaram a necessidade ficar tomando conta da família.

Quando analisamos os dados acima, observamos que os principais motivos que levaram os educandos a evadirem do espaço escolar têm relação direta com o modo de vida desses sujeitos, enquanto homens e mulheres trabalhadores, fazendo com que o trabalho seja o primeiro grande motivo de interrupção dos estudos. O trabalho, neste caso, está ligado às questões financeiras, bem como às dificuldades de conciliar trabalho e estudo, aliado à dificuldade de acompanhar as atividades escolares. Pesquisa realizada por Ramos (2013) aponta que existe uma recíproca relação entre o estudante e o trabalho enquanto atividade de existência humana. Ela constatou que jovens e adultos estudantes têm uma inserção precoce no mercado de trabalho, uma vez que, em muitos casos, são adolescentes com baixa escolaridade, que exercem uma exaustiva jornada de trabalho e não têm nenhuma garantia previdenciária. A esse respeito, Sousa (2007, p. 07) afirma que

as consequências desse modelo para o trabalhador são desastrosas, pois além de desarticular sua subjetividade classista frente aos interesses do capital, ainda precariza as formas de inserção no mercado e restringe o acesso aos mais capacitados, por meio de uma formação adquirida individualmente. Paralelamente, as novas formas de gestão do trabalho e da produção impõem limites e promovem a quebra da resistência das classes trabalhadoras, na medida em que confunde a subjetividade classista do trabalhador e do capitalista, pondo a aparência do fim da contradição entre as classes fundamentais.

Observamos que são consequências nefastas que desarticulam o direito do trabalhador do campo de ir à escola e realizar a sua cidadania. Assim, Gonçalves (2012, p. 30) considera que

[...] o processo de trabalho não se restringe à produção “útil” (dimensão econômica). Envolve ao mesmo tempo produção, reprodução e transformação das relações sociais (dimensão política) e a elaboração de uma experiência sobre elas (dimensão simbólica).

Nesse entendimento, as questões apresentadas nos possibilitaram considerar que o trabalho enquanto ação da existência humana tem assumido dimensões amplas e complexas, pois o trabalho pode assumir diferentes entendimentos, a depender do seu contexto social e cultural. A constituição de família e o nascimento dos filhos também foram motivos causadores da interrupção do processo escolar apresentados pelos entrevistados. Na tentativa de entender quais são as motivações que fazem os jovens e adultos retornarem aos bancos escolares, especificamente a Educação de Jovens e Adultos (EJA) fizemos a seguinte pergunta: o que você quer aprender na Educação de

Jovens e Adultos? Obtivemos várias respostas dentro das dimensões sociais, profissionais e culturais:

Por que só agora percebi que o estudo na vida da gente é muito importante e no futuro eu quero dar um exemplo para meus, sem contar que eu quero aprender mais a ler, escrever, fazer contas de matemática e tudo um pouco [...] mais e mais (Aluna E, de 28 anos).

Voltei para a escola para aprender mais coisas, para ter mais conhecimento mais e mais. (Aluno D, de 25 anos).

Quero aprender várias coisas. Como ler, escrever, fazer contas de matemática para eu conseguir um bom emprego no futuro (Aluno F, de 29 anos).

As respostas apresentadas pelos entrevistados, em relação ao interesse em aprender, apontam para uma valorização do espaço escolar como “lugar de aprender” as coisas. O conhecimento almejado por esses sujeitos tem o sentido de ascensão social, quando destacam em suas falas a importância de ter acesso ao conhecimento para aplicar no emprego e, também, no desenvolvimento da família. Mas, para além dessas aspirações, compreendemos que existem outras motivações no tocante à reinserção desses jovens e adultos no mundo da escolarização. Segue a fala de um dos entrevistados: “E você acha que eu vim brincar?!” “Deixei tudo lá só pra vir pra escola” (Aluno H, de 27 anos).

Ou seja, partindo da realização de análise dos dados e das informações desta investigação, consideramos que existe um entrelaçamento entre as razões e as motivações dos jovens e adultos no retorno aos bancos escolares. A educação é para eles a garantia de ter acesso ao mundo do trabalho, a garantia de ter ascensão social e profissional.

De acordo com Dantas (2012), a Educação de Jovens e Adultos constitui uma alternativa importante para se exercer práticas de cidadania. Isso confirma o que diz Jane Paiva (2004, p. 89): “[...] os processos de intervenção pedagógica realizados com sujeitos, jovens e adultos, de qualquer nível de escolaridade [...] partem da concepção de que a aprendizagem é a base de estar no mundo de sujeitos [...]”

De todo modo, consideramos que a escola enquanto espaço promotor de ações educativas ainda é vista, pelos sujeitos, como sendo o lugar de promoção das habilidades cognitivas de leitura e de escrita, uma condição básica exigida para o exercício de práticas sociais e políticas e para o ingresso no mundo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações e os dados apresentados nesta investigação deixam implícita a necessidade de uma completa reconfiguração no âmbito das políticas públicas na área de educação no campo. Percebemos que é preciso destacar essas políticas como sendo mediadas pelos acontecimentos políticos, sociais e culturais, que, na verdade, têm uma forte relação com a garantia do direito à educação.

Nesse contexto, a análise das principais motivações que fazem com que os jovens e os adultos retornem aos bancos escolares, ajudou a refletir sobre a verdadeira função da escola enquanto instituição produtora e socializadora de conhecimento histórico e cultural.

Desse modo, podemos afirmar que os resultados aqui destacados permitem considerar que as principais motivações de jovens e adultos em retornar aos bancos escolares estão intrinsecamente ligadas ao cumprimento das exigências do mercado de trabalho (habilidades tecnológicas, comunicabilidade e eficiência) e de ascensão social e profissional. Assim, as informações obtidas apontam para a compreensão de que a classe trabalhadora vê a escola como o “lugar de aprender;” o lugar que é capaz de oferecer as reais condições formativas para garantir a entrada do trabalhador no mercado de trabalho, sendo este mercado uma exigência contemporânea de maior e de permanente qualificação profissional.

Ainda, podemos considerar que as motivações apresentadas têm viés social e cultural, quando esses sujeitos têm, entre as suas razões, a vontade de aprender para “ajudar” os filhos, a família e a comunidade. Essa situação de reinserção no espaço escolar ganha sentido e significado pelo fato de que eles buscam muito mais que apenas aprender a ler e a escrever, mas, sobretudo, o aprendizado de forma ampla e contextualizada, que seja capaz de dar condições para o pleno exercício da cidadania e para atender às demandas trabalhistas nas quais estão inseridos.

Acreditamos que seja necessário repensar as políticas de Educação de Jovens e Adultos, para garantir a sua oferta enquanto direito conquistado no processo de escolarização de mulheres e homens (jovens e adultos), pois é papel dos governos, educadores, instituições de ensino e movimentos sociais garantir a cidadania de milhares de trabalhadores e trabalhadoras que vivem à margem do acesso a uma verdadeira cidadania.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Antonio. **Escola:** uma instituição social complexa e plural. São Paulo: Viena, 2007.
- ARAÚJO, Nalva Rodrigues. Educação de Jovens e Adultos (EJA). In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Rio de Janeiro, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STECK, R. Danilo (orgs.). **Pesquisa participante:** a partilha do saber. Aparecida, SP: Ideias et. Letras, 1984.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari. Entrevistas. In: **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- COUTINHO, Adelaide Ferreira. Do direito à educação do campo: a luta continua! **Revista Aurora**, v. 3, n. 1, dez. 2009. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1218/1085>>. Acesso em: 04 abr. 2016.
- DANTAS, Tânia. Formação de professores em EJA: uma experiência pioneira na Bahia. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 21, n. 37, p. 147-162, 2012.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 2005.
- GONÇALVES, Rita de Cássia. Educação de jovens e adultos e o mundo do trabalho. In: FERNANDES, Maria Hermínia Lage (org.). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Unijuí, 2012.
- HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai./ago. 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MIRANDA, Joceval dos Reis. **Avaliação das aprendizagens na Educação de Jovens e Adultos por meio de portfólio**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2010.
- PAIVA, Jane. Educação de Jovens e Adultos: questões atuais em cenário de mudanças. In: BARBOSA, I; PAIVA, J. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RAMOS, Renata Fornelos d'Azevedo. Juventude e trabalho. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; RODRIGUES, Rosana Mara C.; SODRÉ, Maria Dorath B. (orgs.). **Educação do Campo e contemporaneidade: Paradigmas, estratégias, possibilidades e interfaces**. Salvador: EDUFBA, 2013.

RODRIGUES, Paulo Ribeiro. **A educação de jovens do campo: uma experiência em curso**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás. 2010.

SANTOS, G. L. dos. Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24. set./dez., p. 107-125, 2003.

SIQUEIRA, Boccaius André. O retorno de jovens e adultos aos estudos formais após 20, 30, 40 anos. **Poiésis – Revista do Programa de Pós Graduação em Educação – UNISUL**, Tubarão, v. 2, n. 3, p. 32-43, jan./jun. 2009.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes; GOMES, Nilma Lino (orgs.) **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SODRÉ, Maria Lúcia da Silva. **Às margens do Velho Chico: o projeto inconcluso do Incra e as consequências para o modo de vida das famílias ribeirinhas assentadas no PAE-SF**. 2006. 310 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUSA, Ana Paula Ribeiro de. Transformações no mundo do trabalho: implicações para a educação do trabalhador. In: III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2007, São Luís. **Anais...** São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, 2007.

Recebido em: 02/07/2016.

Aprovado em: 14/09/2016.